

Da Caatinga aos Himalaias

Curador no Museu Field, em Chicago, nos Estados Unidos, o paraibano Anderson Feijó estuda mamíferos mundo afora

cresci em João Pessoa e os únicos estados que eu conhecia até entrar na universidade eram Pernambuco, onde nasci, e Paraíba, onde eu morava.

Sempre fui curioso e decidi fazer biologia porque um professor me disse que era possível fazer experimentos em laboratórios. Quando passei no vestibular na UFPB [Universidade Federal da Paraíba], em 2006, precisei esperar seis meses para começar, porque a universidade estava se recuperando de uma greve. Consegui estágio voluntário no Laboratório de Limnologia [estudo de ambientes de água doce] de lá. Logo percebi que organismos microscópicos não me atraíam. Acabei no laboratório de mamíferos.

Organizava o laboratório e lavava utensílios, e comecei a viajar para trabalhos de

campo. Meu primeiro projeto foi ajudar um aluno de graduação que coletava em áreas da Mata Atlântica com diferentes níveis de regeneração. Eu não tinha nenhuma experiência de acampar, nenhuma habilidade específica. Mas fui aprendendo e vi que era isso que eu queria fazer.

Fiz a pós-graduação na UFPB e no doutorado passei um ano, com bolsa-sanduíche, no museu em que estou agora – o Field, em Chicago. Trabalhei com um professor bem conhecido na área, Bruce Patterson. Foi a primeira vez que vi neve.

Aqui, percebi que muitas coisas que me interessavam poderiam ser feitas trabalhando com coleções científicas, como projetos sobre evolução e adaptação a diferentes ambientes. Quando eu voltei ao Brasil, tinha uma visão mais ampla do que poderia fazer como profissional.

Terminei o doutorado em 2017, uma época de pouco investimento em ciência no Brasil. Mande sete pedidos de pós-doutorado para diferentes instituições, e nada. Então busquei alternativas fora do país. Uma delas foi em Beijing, na China. Encontrei o site de um professor e me candidatei a uma vaga de pós-doutorado com a proposta de explorar uma fauna diferente da que conhecia. Três meses depois, eu embarcava para a China.

No Instituto de Zoologia da Academia Chinesa de Ciências, onde trabalhei, me comunicava em inglês, mas fora do ambiente acadêmico poucas pessoas falavam esse idioma. Fiz um esforço para aprender mandarim suficiente para sobreviver no dia a dia. Em 2021, fui contratado como professor no mesmo instituto.

Em frente ao seu local de trabalho atual, em dezembro de 2025, e em 2018 usando cesto tradicional para carregar armadilhas em Sichuan, na China

Em 2022, Patterson me avisou que tinha se aposentado e me encorajou a me candidatar à vaga para substituí-lo. Imaginei que procurariam um pesquisador sênior, mas deu certo e há dois anos sou curador de mamíferos do Field.

Tenho quatro responsabilidades: pesquisa, curadoria (que é cuidar da coleção, propor formas de aumentá-la e torná-la acessível a pesquisadores), serviço (atuar em comitês e participar na montagem de exposições abertas ao público) e educação (orientar alunos, dar aulas e workshops). O museu é independente, mas sou associado às universidades de Chicago e de Illinois. Agora tenho quatro alunos desenvolvendo o doutorado, inclusive uma brasileira que também fez o mestrado em João Pessoa.

Trabalhei em uma variedade de lugares, do Brasil ao Tibete. Há muitas similaridades, porque seguimos métodos parecidos de coleta, mas a fauna é totalmente diferente. Vindo de João Pessoa, eu não tinha contato com montanhas. Na China, começávamos a trabalhar a 2 mil metros [m], que são altitudes relativamente baixas para eles. Ao longo do mês, subíamos aos poucos até cerca de 4,5 mil m. Nos hospedávamos em vilas pequenas, onde muitas vezes os habitantes nunca tinham visto um estrangeiro. As crianças vinham tirar foto comigo.

Fazíamos inventários para documentar como os diferentes grupos de mamíferos mudam à medida que a elevação aumenta. Também trabalhei com um grupo de coelhos chamado pika, que se originou no Tibete e consegue sobreviver a altitudes até 6,2 mil m. Minhas pesquisas buscavam entender como isso é possível. Descobrimos vários genes ligados



ao sistema imune que permitem a esses animais lidar com as mutações causadas pela intensa radiação ultravioleta.

No Brasil, uma das minhas espécies preferidas é o tatu-bola-da-caatinga [*Tolypeutes tricinctus*], o único tatu endêmico do país. Desde 2014, atuo como um dos coordenadores executivos do Plano de Ação Nacional organizado pelo ICMBio [Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade]. A ideia é reunir um grupo de pesquisadores com diversas especialidades para conseguir mais informações sobre a espécie e com isso ajudar a definir programas de conservação. No doutorado, trabalhei com a diversidade do tatu-galinha [gênero *Dasypus*]. Descobri que existiam bem mais espécies do que se achava, principalmente na região amazônica.

Para fazer esse trabalho visitei 41 coleções na América do Sul, nos Estados Unidos e na Europa. Usando minha bolsa de doutorado para financiar essas visitas, fiz uma viagem de seis meses de ônibus, saindo do Rio Grande do Sul e passando pelo Uruguai, até a Venezuela, visitando cada coleção. Eu nunca tinha saído do Brasil e não sabia nada de espanhol, fui aprendendo ao longo da viagem. Nesse percurso, conheci pesquisadores e professores com quem hoje colaboro.

Estou iniciando novos projetos nos Andes e no Caribe, buscando entender como diferentes grupos de mamíferos respondem e se adaptam às mudanças climáticas. Também planejo continuar fazendo viagens à China para manter projetos e colaborações. Atualmente,

sou pesquisador visitante no instituto onde trabalhei por sete anos.

Moro em um bairro com forte cultura asiática, com influência da China, do Vietnã e da Tailândia. Fica a 10 minutos da praia daqui, que na verdade é o lago Michigan. Isso supera um pouco a carência de mar que sinto. O mais difícil para mim é o inverno, as temperaturas chegam a -25 graus Celsius (°C).

Na minha trajetória, viajando por diversos países, nunca me senti discriminado. Sei que isso não é habitual, acho que tive sorte ou não notei. Na China, percebia nas pessoas uma curiosidade autêntica por entender o que eu estava fazendo lá, como era a vida no meu país.

Já estou acostumado com a vida em inglês, quando vou ao Brasil preciso de uns dias para retomar o meu sotaque nordestino. Durante minha estada na China, visitei poucas vezes o Brasil, mas agora quero voltar a fazer projetos de campo na Caatinga e aproveitar o verão brasileiro para fugir do inverno daqui.

Sou muito agradecido ao apoio dos meus pais ao longo da minha formação. Tive o privilégio de me dedicar exclusivamente à graduação e pós-graduação e não precisei trabalhar para me manter financeiramente. O fato de eu ter sido criado e formado em João Pessoa, e não em um grande centro, não foi limitante na minha carreira. Como cientista em uma instituição renomada, tenho como objetivo pessoal retribuir as oportunidades e dar espaço à nova geração de estudantes. ●

DEPOIMENTO CONCEDIDO A
MARIA GUIMARÃES



SAIBA MAIS
Museu Field